

BERENICE

EDGAR ALLAN POE



FREE BOOKS

EDGAR ALLAN PÖE

BERENICE

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS ESTRANGEIROS
TERROR-HORROR-FANTASIA

Título: BERENICE

Autor: Edgar Allan Pöe (1809 – 1849)

Tradução de autor desconhecido do início do séc. XX (c. 1903)

Imagem da capa: Harry Clarke (1889-1931)

Leiaute da capa: Canva

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 13

Editor: Free Books Editora Virtual

Site: www.freebookseditora.com

Obra original de domínio público (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, art. 41)

Direitos da tradução: Domínio público, nos termos do art. 43 da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Ano: 2017

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br

Sumário

[BERENICE](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

BERENICE

A miséria da terra é multiforme. Sobrepujando o vasto horizonte como o arco-íris, as suas cores são tão variadas como as deste — tão distintas e tão intimamente combinadas como elas. Sobrepujando o vasto horizonte como o arco-íris! Como foi que da beleza eu derivei um tipo de horror? — do

símbolo da paz um símile de sofrimento? Mas, como, na ética, o mal é a consequência do bem, assim do prazer nasceu, com efeito, a dor. Ou a recordação da ventura passada é a amargura de hoje, ou as angústias presentes têm a sua origem nos êxtases porventura gozados.

O meu nome de batismo é Egeu; o de minha família, esse não o citarei. Todavia, não há no país torres mais antigas e mais venerandas do que o meu velho, severo, hereditário solar. Chamaram à minha linhagem raça de visionários; e em muitos e frisantes pormenores — no caráter do solar familiar nos afrescos do salão nobre — nas tapeçarias dos quartos de dormir — nos cinzelados de algumas traves de armaria — mas, mais especialmente, na galeria de pinturas antigas — na feição da sala da biblioteca — e, finalmente, na índole especialíssima do recheio da biblioteca, existe mais do que o suficiente para à evidência provar a justeza da minha assertiva.

As recordações dos meus primeiros anos andam ligadas a esta sala e aos seus volumes — dos quais nada mais direi. Foi aí que morreu minha mãe. Foi aí que eu nasci. Mas é ocioso dizer que eu não havia vivido antes — que a alma não tem existência anterior. Negai-lo? — não discutamos o problema. Como eu estou convencido, não procuro convencer. Existe, porém, em mim uma lembrança de formas aéreas — de olhos espirituais e expressivos — de sons, musicais, conquanto tristes — uma lembrança que jamais se desvanecerá; uma recordação semelhante a uma sombra, vaga, variável, indefinida, inconsistente, e que a uma sombra se assemelha ainda na impossibilidade em que eu me debato de me libertar dela, enquanto se me não apagar o sol da razão.

Foi nesta sala que eu nasci. Assim, acordando da longa noite do que parecia, mas não era, não-existência, para de chofre ser lançado em pleno país de fadas — num palácio de imaginação — nos peregrinos domínios do pensamento e do saber monásticos — não é de estranhar que eu olhasse em volta de mim com olhos espantados e ardentes, que passasse a minha infância imerso em livros e dissipasse a minha mocidade em sonho e devaneio. Mas o que é de estranhar é que os anos fossem passando, que eu atingisse o apogeu da minha virilidade e me conservasse sempre dentro dos muros do solar de meus pais. Que prodigiosa estagnação imobilizou as fontes da minha vida! Que prodigiosa inversão se operou no caráter do meu mais banal pensamento!

As realidades do mundo afetavam-me como visões, e como visões apenas, ao passo que as desvairadas ideias do país dos sonhos se tornavam,

por sua vez — não o material da minha existência quotidiana — mas, na realidade, essa mesma existência exclusiva e absorvente.

Berenice e eu éramos primos e fomos criados juntos no meu solar paterno. Todavia, as nossas ídoles divergiam completamente: eu era débil e doente e vivia imerso em sombras e melancolia — ela era ágil, graciosa e exuberante de energia. A sua predileção era correr pelos montes — a minha, estudar no claustro. Eu me comprazia em confinar a minha vida dentro do meu coração e abismava-me de corpo e alma na mais intensa e penosa meditação; ela vagueava descuidosamente pela vida, alheia às sombras do caminho ou ao voo silencioso das horas de asas negras.

Berenice! — evoco o seu nome — Berenice! — e a esta palavra surgem das brumosas ruínas da memória mil tumultuosas recordações.

Ah! A sua imagem ergue-se diante de mim, radiosa e bela, como nos tempos idos da sua graciosidade e alegria! Oh, que beleza deslumbrante e fantástica! Oh, silfo por entre as matas de Arnheim! Oh, náide por entre as suas fontes! — E, depois... Depois, tudo é mistério e terror, e uma história que não deveria ser narrada.

A doença — doença fatal — soprou sobre o seu coro como um simum, e, mesmo enquanto os meus olhos a estavam contemplando, o espírito de transformação abateu sobre ela as suas asas, lançando as garras à sua inteligência, aos seus hábitos, ao seu caráter, e, transtornando até, da maneira mais terrível e sutil, a identidade da sua pessoa! Ai de mim! O flagelo chegou e partiu, e a vítima — onde estava ela? Eu não a conhecia — ou já não a conhecia como Berenice.

Entre o numeroso séquito de doenças derivadas daquela fatal e primária, que operou uma revolução tão horrível no moral e no físico de minha prima, pode mencionar-se, como a mais aflitiva e obstinada, uma espécie de epilepsia que não raras vezes terminava em transe cataléptico — transe que muito de perto se assemelhava à morte efetiva, e da qual ela, na maior parte dos casos, se recobrava abruptamente.

No entanto, a minha doença — pois me disseram que eu me devia considerar um doente — ia acelerando os seus progressos, até, finalmente, assumir um caráter monomaniaco de forma nova e extraordinária — que foi, hora a hora, momento a momento, redobrando de intensidade e, por fim,

obteve sobre mim o mais incompreensível ascendente. Esta monomania, se assim a devo classificar, consistia numa mórbida irritabilidade daquelas propriedades intelectuais que na metafísica se denominam *faculdades de atenção*. É mais do que provável que eu não seja compreendido. Mas eu, na verdade, receio que não seja de modo algum possível dar ao leitor uma ideia adequada dessa nervosa *intensidade de atenção* com que, no meu caso, as faculdades da meditação (para não recorrer aos termos técnicos) se absorviam e se sepultavam na contemplação dos objetos mais banais do universo.

Permanecer longas e infatigáveis horas com a atenção aferrada a alguma garatuja na margem ou no texto de um livro; passar a melhor parte de um dia de verão absorto no exame de uma sombra projetada sobre as tapeçarias ou sobre o assoalho; abismar-me uma noite inteira na contemplação da chama de um candeeiro ou das brasas de uma lareira; embeber-me dias seguidos no perfume de uma flor; repetir monotonamente alguma palavra vulgar, até o som, à força de repetido, deixar de acordar no meu espírito a mais ténue ideia; perder toda a noção de movimento ou de existência física, por meio de uma absoluta imobilidade física e m que eu perseverava longa e obstinadamente — eis aí algumas das mais comuns e menos perniciosas extravagâncias, oriundas de uma condição especial das minhas faculdades mentais, não, decerto, absolutamente única no mundo, mas, sem dúvida, de dificultosíssima análise ou explicação.

Todavia, compreendi-me bem: a insólita, insistente e mórbida atenção assim excitada por objetos em si mesmo fúteis, não se deve confundir com aquela propensão meditabunda, comum a toda a humanidade e a que são mais particularmente atreitas as pessoas de imaginação ardente.

Nem sequer era, como a princípio se poderia supor, uma condição extrema, um exagero de tal propensão, mas originária e essencialmente distinta e diferente. Habitualmente, o sonhador ou entusiasta, interessando-se por um objeto *não* fútil, imperceptivelmente perde de vista este objeto num emaranhamento de deduções e sugestões derivadas umas das outras, até que, ao cabo da divagação, *muitas vezes repleta de prazer*, ele encontra o incitamento ou a causa primária do seu devaneio inteiramente apagada ou esquecida. No meu caso, porém, o primitivo objeto era *invariavelmente fútil*, embora assumisse, devido à minha desequilibrada visão, uma importância refrata e irreal. Poucas deduções eu fazia, se é que as fazia. E essas poucas refluíam pertinazmente ao objeto primitivo como a um centro. As minhas

meditações *nunca* me causavam prazer. E, ao cabo do meu alheamento, a causa primária, e em vez de se encontrar já longe do meu alcance, havia atingido aquele interesse sobrenaturalmente exagerado, que era a feição característica da doença. Numa palavra, as minhas faculdades intelectuais que mais particularmente entravam em ação eram, como eu disse atrás, as da atenção e não, como no caso do meditativo vulgar, as da especulação.

Os meus livros, nesta época, se na realidade não serviam para irritar o meu desarranjo mental, participavam, como facilmente se compreenderá, na sua índole imaginativa e incoerente, das qualidades características do próprio desarranjo. Recordarei, entre outros, o tratado do nobre italiano Coelius Secundus Curio¹, *Amplitudine Beati Regni Dei*; a grande obra de Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*; e Tertuliano, *De Carne Christi*, e em que a paradoxal sentença “*Mortuus est Dei filius; credibile est quia ineptum est: et sepultus resurrexit; certum est quia impossibile est*”² ocupou ininterruptamente o meu tempo durante muitas semanas de laboriosa e infrutífera investigação.

Destarte parecerá que, desviada do seu equilíbrio apenas por coisas triviais, a minha razão se assemelhava àquele recife citado por Ptolomeu Hefestião, que, afrontando rijamente os ataques da violência humana e a fúria selvática dos ventos e das vagas, somente tremia a o ser tocado pela flor chamada asfódelo. E embora, a o pensador superficial, possa parecer indubitável que a alteração produzida pela doença na condição *moral* de Berenice, me proporcionasse muitos objetos para o exercício daquela intensa e anormal meditação, cuja natureza eu tive alguma dificuldade em explicar, o certo é que tal se não deu.

Nos intervalos lúcidos da minha enfermidade, o seu infortúnio afligia-me deveras, e, condoído profundamente daquela total submersão de uma mocidade tão formosa e tão gentil, muitas vezes meditei com amargura na maneira maravilhosa como nela se operara tão súbita e estranha revolução.

Estas reflexões, porém, não participavam da idiossincrasia da minha doença, e eram as mesmas que, em igualdade de circunstâncias, ocorreriam à massa ordinária da humanidade. Fiel ao seu caráter próprio, o meu desarranjo voltava-se às mudanças menos importantes, mas mais flagrantes, operadas no aspecto físico de Berenice — na singular e horripilante deformação da sua identidade pessoal.

Durante os radiosos dias da sua beleza sem par, é mais que certo que eu

nunca a amara. Na estranha anomalia da minha existência, os meus sentimentos *nunca foram* do coração, e as minhas paixões *foram sempre* da inteligência.

Na luz pardacenta das primeiras horas matutinas, por entre as sombras da floresta ao meio-dia, e no silêncio da minha biblioteca à noite, ela perpassara pelos meus olhos e eu a vira — não como a Berenice real e viva, mas como a Berenice de um sonho; não como um ser terreno, mas como uma abstração; não como uma coisa a admirar, mas a analisar; não como um objeto de amor, mas como tema da mais abstrusa e desconexa especulação.

E *agora* — agora eu tremia na sua presença e empalidecia ao vê-la aproximar-se. Todavia, lastimando amargamente a sua desditosa e mísera situação, eu evocava no meu espírito o pensamento de que ela havia muito tempo me amava e, num momento fatal, falei-lhe de casamento.

A época aprazada para as nossas núpcias ia-se, finalmente, aproximando, quando, numa tarde de inverno — uma tarde calma, nevoenta e de uma temperatura imprópria da estação, que são assim como a ama de leite de Alcíone³ — julgando estar sozinho, sentado na sala interior da biblioteca, levantei de repente os olhos e vi na minha frente Berenice.

Era a minha imaginação excitada — era o brumoso influxo da atmosfera era o dúbio crepúsculo da sala — ou eram as roupagens cinzentas que a revestiam — o que lhe dava um contorno tão vacilante e tão vago? Eu não poderia dizê-lo. Não proferiu palavra, e eu por nada deste mundo poderia pronunciar uma sílaba. Percorreu-me o corpo todo um gélido calafrio; oprimiu-me uma sensação de incomportável ansiedade; avassalou-me a alma uma mortificante curiosidade; e, enterrando-me na poltrona, ali permaneci algum tempo imóvel e sem fôlego, de olhos cravados no seu vulto.

Ai de mim! Ela estava excessivamente magra, e em nenhuma linha do seu contorno se vislumbrava o mínimo vestígio do que fora antes! Por fim os meus olhos ansiosos fixaram-se em seu rosto.

Tinha a fronte alta, muito pálida e de uma placidez singular; o cabelo, outrora negro de ébano, caía-lhe em parte sobre a testa, formando inúmeros caracóis de um amarelo gritante, que, no seu caráter fantástico, faziam um flagrante contraste com a melancolia predominante da fisionomia. Os olhos eram baços e sem vida e pareciam até desprovidos de pupila, e, involuntariamente, desviei deles os meus e pus-me a contemplar os lábios finos e arrepanhados. Entreabriam-se. E, num sorriso de peculiar significado, os dentes da transformada Berenice surgiram, lentamente, à minha vista.

Prouvera a Deus que eu nunca os houvesse visto, ou que, havendo-os visto, morresse instantaneamente!

O fechar de uma porta arrancou-me do alheamento, e, erguendo os olhos, vi que minha prima havia saído da sala. Do âmbito desordenado do meu cérebro é que — ai de mim! — não saíra nem sairia o branco e tétrico espectro dos dentes! Na sua superfície não havia uma mancha — nem uma sombra no esmalte — nem uma arranhadura nas suas arestas — mas o que eu vira durante o período do seu sorriso bastara para gravá-los para sempre na minha memória.

Via-os *agora* ainda mais nitidamente do que então. Os dentes — os dentes! — estavam aqui, ali, por toda a parte, visíveis e palpáveis ante meus olhos. Compridos, estreitos e excessivamente brancos, com os lábios pálidos arrepanhados sobre eles, como no próprio momento da sua primeira e terrível eclosão.

Surgiu então, em toda a sua plenitude, a fúria da minha *monomania*, e em vão lutei contra a sua estranha e irresistível influência. Nos múltiplos objetos do mundo externo eu não tinha pensamentos senão para os dentes. Desejava-os com uma ansiedade louca.

Todas as outras coisas e todos os diferentes interesses se apagavam ante a sua exclusiva e absorvente contemplação.

Eles e só eles estavam presentes aos olhos do meu espírito e, na sua única individualidade, tornaram-se a essência da minha vida intelectual. Examinava-os a todas as luzes. Voltava-os em todas as posições. Observava as suas características. Quedava-me a estudar as suas minúcias. Meditava sobre a sua conformação. Cismava sobre a alteração da sua natureza. Estremecia quando, na minha imaginação, lhes atribuía uma sensibilidade e, até, embora sem a ajuda dos lábios, uma capacidade de expressão moral.

De Mademoiselle Sallé⁴ se disse que *tous ses pas étaient des sentiments*⁵, e de Berenice eu cria mais seriamente que *todos os seus dentes eram ideias*.

Ideias! — ah, eis o parvo pensamento que me destruiu! *Ideias!* — ah, era, *portanto*, esse o motivo que me levava a ambicioná-los tão loucamente! Senti que só a sua posse poderia restituir-me a paz, que só por eles eu poderia recuperar a razão.

Caiu a tarde, e eu continuava sumido no meu marasmo — cerraram-se as trevas da noite, dissiparam-se e alvoreceu um novo dia — envolveu-me o negrume de uma segunda noite, e eu continuava imóvel, enterrado numa poltrona daquela sala erma: o fantasma dos dentes nem um momento deixara de exercer sobre mim o seu terrível domínio, pairando com a mais palpitante e hedionda nitidez por entre as luzes e as sombras da sala.

Por fim, foi o silêncio do meu cismar cortado por um grito de horror e de espanto. Após uma pausa, seguiu o ruído de vozes alteradas, de permeio com abafados gemidos de dor ou de pesar.

Pus-me logo a pé e, abrindo uma das portas da biblioteca, deparei-me com uma criada, banhada em lágrimas, que me disse que Berenice já não era deste mundo: fora acometida de epilepsia de manhã cedo, e agora, ao fechar da noite, a sepultura estava pronta para acolhê-la, e estavam concluídos todos os preparativos para o seu enterro.

Achava-me sentado na biblioteca, e outra vez só. Parecia-me que acabava de despertar de um sonho confuso e perturbante. Sabia que era meia-noite e não ignorava que ao pôr do sol Berenice havia sido enterrada. Do fúnebre lapso de tempo decorrido no intervalo não tinha noção positiva nem pelo menos definida. Contudo, a recordação desse período era repleta de horror — horror mais horrível por ser vago, e terror mais terrível devido à sua ambiguidade.

Era uma terrível página nos anais da minha existência, escrita de alto a baixo com obscuras, horrendas e ininteligíveis reminiscências. Esforcei-me por decifrá-las, mas em vão; e a cada momento, como o espírito de um som extinto, pareciam ressoar-me aos ouvidos as agudas e penetrantes vibrações de uma voz feminina.

Alguma coisa eu havia praticado — que foi? Interroguei-me em voz alta vezes sem conta, e só os ecos da sala respondiam ao meu anseio: que foi?

Na mesa ao meu lado ardia uma lâmpada, e perto dela estava uma pequena caixa. Nada tinha que a destacasse, e muitas vezes a vira eu antes, pois pertencia ao médico de minha família. Mas, como veio ela para ali, para cima da minha mesa, e por que motivo eu estremecia ao olhar para ela?

Não atinava com explicação possível para estas coisas, e os meus olhos, por fim, pousaram nas páginas abertas de um livro e numa frase nele sublinhada.

Eram as palavras singulares, mas singelas, do poeta Ebn Zaiat: *Dicebant mihi sodales si sepulchrum amicae visitarem, curas meas aliquantulum fore levatas*⁶.

Por que motivo então, ao relê-las, os cabelos puseram-se em pé e o meu sangue gelou nas veias?

Bateram de mansinho à porta da biblioteca, e, pálido como um cadáver, um criado entrou nas pontas dos pés. Tinha o olhar esgazeado de terror e falou-me numa voz trémula, roufenha e quase imperceptível. Que disse ele? — apenas lhe ouvi umas frases entrecortadas.

Falou-me de um grito feroz que cortara o silêncio da noite; do alarme que atraía toda a gente da casa; de buscas na direção do grito; e, finalmente, a sua voz adquiriu maior clareza ao falar de uma sepultura violada, de um corpo desfigurado, amortalhado e, todavia, ainda palpitante, *ainda vivo!*

Apontou para a minha roupa: estava toda empastada de lama e sangue. Eu não falei, e ele pegou-me muito ao de leve na mão: estava toda marcada com impressões de unhas humanas!

Chamou a minha atenção para um objeto qualquer que estava encostado à parede: olhei para ele e examinei-o durante alguns minutos — era uma pá...

Soltei um grito e de um pulo atirei-me à mesa e agarrei a caixa que nela estava pousada. Não a pude, porém, abri-la; no meu tremor, ela escorregou-me das mãos e caiu pesadamente ao chão, partindo-se em pedaços: do seu interior saltaram então, com estrépito, alguns instrumentos de cirurgia dentária, de mistura com trinta e dois pequeninos objetos brancos que pareciam de marfim e que se espalharam em todos os sentidos pelo chão!...

SOBRE O AUTOR

Edgar Allan Poe (1809 - 1849), poeta e contista norte-americano, é o autor de muitos dos mais brilhantes e engenhos contos de horror e mistério já escritos. “A queda da casa de Usher”, “O poço e o pêndulo”, “A máscara da morte rubra”, “Os crimes da Rua Morgue”, entre outros, deitaram profunda influência na literatura fantástica e policial dos séculos XIX e XX, e são, até os dias de hoje, uma fonte inexaurível de inspiração. Do autor, recomendamos a leitura de “[A verdade sobre o caso do Senhor Valdemar](#)”.

Notes

[← 1]

Célio Secondo Curoine (1503 – 1569), humanista italiano.

[← 2]

Poe sintetiza a célebre sentença do apologista cristão Tertuliano (ca. 160 – ca. 220): *Crucifixus est Dei Filius, non pudet, quia pudendum est; et mortuus est Dei Filius, prorsus credibile est, quia ineptum est; et sepultus resurrexit, certum est, quia impossibile*, ou seja: “O filho de Deus foi crucificado: não há vergonha porque isto é vergonhoso;/e o filho de Deus morreu: isto é crível porque é absurdo;/e foi sepultado e ressuscitado: isto é certo porque é impossível”.

[←3]

Pois como Júpiter concedia, durante o inverno, duas vezes sete dias de calor, os homens chamavam este tempo benigno e temperado de “a ama de leite da bela Alcíone – Simônides (N. do A.)

[← 4]

Marie Sallé, bailarina francesa do séc. XVIII.

[←5]

Ou seja, “que todos os seus passos eram sentimentos”.

[← 6]

Ou seja: “Meus amigos me disseram que, se eu visitasse o sepulcro de minha amiga, poderia aliviar um pouco as minhas preocupações.”